

As grandes civilizações americanas anteriores ao Descobrimento

A América pré-colombiana não era uma região desabitada que estivesse à espera do primeiro homem para a povoar, explorar e civilizar. Muito ao contrário disto: a América, antes de ser descoberta, era habitada por milhões e milhões de homens, que, apesar de completamente segregados do resto do mundo, sem o menor contacto com os outros povos, se desenvolveram, souberam explorar aquelas terras e chegaram a alcançar grau de civilização tão elevado, que ainda hoje serve de profunda admiração a todos nós.

“É fora de dúvida que em tempos que se perdem na curva de centenas de milênios, a chamada América foi colonizada por povos altamente civilizados, conforme restos eloqüentes descobertos em lugares onde nunca se supunha ter existido qualquer espécie de civilização.” (Jorge Bahlis, *Civilizações Americanas*).

Que homens eram esses, e de onde provinham?

O problema das origens do americano pré-colombiano carece, até o presente, de solução definitiva. De acordo com inúmeros estudos e pesquisadores, o homem da América pré-colombiana ou procede da Europa, ou veio da África, ou emigrou da Ásia, ou transplantou-se da Oceânia, ou é autóctone. Não é aqui o lugar para discutirmos isto. Diremos, no entanto, que fortíssimas razões se erguem contra a última hipótese formulada, dentre as quais sobressai a grande diversidade de raças existentes na América quando de seu descobrimento; e mais: que, se o homem da América emigrou de outras partes do mundo, só o poderá ter feito através da lendária Atlântida, incomensurável pedaço de terra que parece ter ligado ou aproximado o Continente Americano a outros continentes. As águas do mar terão tragado Atlântida completamente, devido a alguma tremenda convulsão da Terra, levando ela consigo tudo quanto possuía. A existência dessa Atlântida é hoje admitida por sábios eminentes, e somente ela é capaz de esclarecer a origem do homem que Colombo veio encontrar naquele memorável dia 12 de Outubro de 1492.

Diz Gustavo Barroso no seu trabalho *A Atlântida*: “Desde a mais remota antiguidade, o homem se preocupa com a sua origem. Entre as muitas explicações de suas eras pré-históricas, está a dos Continentes desaparecidos e de onde ele deve ter vindo: Hiperbóreo, Lemúria, Pacifico, Atlântida. A existência desta última há milênios desafia a atenção dos sábios. Negam. Duvidam. Afirmam. Tornam a negar, a duvidar ou a afirmar. Amontoam provas pró, ou contra. E o problema continua de pé, como uma esfinge, sem que a humanidade para ele encontre uma solução.”

O professor Jorge Bahlis, na sua obra *Civilizações Americanas*, enumera grande quantidade de povos existentes na América por ocasião do Descobrimento. De todos eles vamos nos referir em largos traços àqueles cuja civilização atingiu alturas admiráveis, tais como aquelas raças que habitavam o México-Yucatán e o Peru.

O povo mais antigo de que se tem notícia na América Central são os Otomis, de procedência ignorada e de remotíssima existência. Povoavam regiões do México.

No século V A.C., outro povo oriundo das regiões frias do Norte desceu e misturou-se ao precedente: os Toltecas, também de raça mexicana, cuja cultura atingiu seu ponto culminante durante os séculos VII e VIII. Assentaram os Toltecas as bases da civilização do México, “haciendo surgir construcciones numerosísimas, floreciendo las artes en general, la pintura y la escultura, teniendo sus estratos hasta cinco metros de espesor, lo que atestigua una gran duración de su cultura”. Nadal Mora, *História del Arte Precolombiano*. Constituía os Toltecas uma das tribos dos povos Nauas, como

igualmente os Chichimecas e os Aztecas. Estes últimos parece terem vindo, no século XII de nossa era, da ilha Aztlán, ao norte da Califórnia, chegando ao coração do México no decorrer do século XIII.

De acordo com um oráculo, um pássaro lhes ordenara abandonar seu país, o que fizeram. Ao chegarem, em 1325, ao lugar onde hoje é a Capital do México, viram bela águia pousada numa árvore com uma serpente entre as garras, o que lhes pareceu conforme o seu primitivo oráculo. Aí se estabeleceram.

“Los Aztecas fueron fieros individuos de tez oscura y amarillenta, nariz chata, barba rala y cabello negro, dejando a su paso huellas de un espíritu sanguinario en los restos de la civilización tolteca (. . .). De la cultura azteca hablan sus monumentos y tradiciones; imperio floreciente a la llegada de los españoles, se extendía hasta las costas de Nicaragua y llevaba ya varios siglos de duración.(...) De su arquitectura quedan pocos restos, debido posiblemente a las continuas luchas y también a la destrucción operada por los españoles, quedando en cambio notables obras escultóricas y artes menores.” (Nadal Mora; *Obr. cit.*)

Ao chegarem ao México, encontraram os espanhóis outro povo poderoso e culto, conjunto de raças naua e meridional: os Zapotecas.

Não obstante um dos povos que mais alto grau de civilização alcançaram na América pré-hispânica, foram os Maias. Estendiam-se ao sul do México, Guatemala, Salvador, Honduras e Yucatán; dividiam-se em três grupos: Huastecas, de Veracruz; Quichés, de Guatemala; Maias propriamente ditos, do Yucatán. Tiveram seu esplendor no século XII.

Na América do Sul, os Incas, tribo de estirpe aimará, estabelecida no Peru, conseguiram igualmente elevada civilização.

Quando Cristóvão Colombo aportou a terras do continente americano, preponderavam no México os Aztecas, que dominavam todo o planalto de Anáhuac. Possuíam esses homens forte educação militar, índole guerreira e espírito de conquista. Em princípios do século XIV fundaram a futura capital do país. Tenochtitlán, situada em vários ilhéus da lagoa do México, a qual exercia preponderância sobre as demais cidades do Anáhuac. Tenochtitlán, onde Hernán Cortés penetrou em 8 de novembro de 1519, causou grande admiração a seus conquistadores. Escrevendo a Carlos V, disse Cortés das maravilhas ali presenciadas.

Cabia ao chefe militar do México exercer o governo, e, aos clãs, a administração da cidade, a justiça, a ordem, a cobrança e apli-

cação dos impostos. Havia ainda o *Grande Conselho*, com sessenta e oito membros, espécie de tribunal de última instância, ao qual eram encaminhados os casos que suscitassem dúvidas.

A terra não pertencia ao indivíduo, senão à comunidade, e era dada a cultivar a quem coubesse por lei. Mais tarde, entretanto, o fator *família* ganhou forças e deu início à propriedade particular.

O povo era dividido em classes. No que tange à religião, presume-se que primitivamente o totemismo predominou no Anáhuac. Embora adotando a concepção religiosa dos Toltecas, os Aztecas admittiam e adoravam divindades sanguíneas que exigiam vítimas humanas — virgens, crianças, prisioneiros de guerra —, sacrificadas com toda a solenidade em templos para esse fim construídos, os *teocallis*. Praticavam o casamento e puniam com a máxima severidade o adultério, o roubo e o assassinio. Como desconhecessem o dinheiro, faziam a permuta de objetos e mercadorias. Profundos conhecedores da Astronomia, organizaram um calendário mais exato que o dos europeu do tempo da Conquista. Arquitetos admiráveis construíram palácios, templos (*teocalis*), cujas ruínas deixam ver ainda hoje toda a sua imponência, toda a sua grandiosidade. Sua estatuária era de ação quase exclusivamente religiosa. “De algunas estatuas aztecas se desprende una calma o concentración dentro de un aspecto de robustez; otras, en cambio, responden a un estado de ánimo agitado. Algunas figuras son de grandes dimensiones, y admira el cúmulo de dificultades que debieron salvarse para el transporte de tales bloques a través de un terreno quebrado, desde las canteras hasta su emplazamiento definitivo, agravándose ello por el desconocimiento de la rueda entre dichos pueblos. Además, lá elección de piedras durísimas, en alguns casos, significa en los escultores una perseverancia a toda prueba, ya que debieron tallar tales obras, algunas con complejo ornamento, mediante instrumentos de piedra por desconocimiento del hierro”. (Nadal Mora, *Obr. Cit.*)

Citam-se as seguintes obras de escultura tolteca e azteca, dentre as mais notáveis guardadas no Museu do México: a deusa monolítica de Teotihuacán; a cabeça colossal de Coyolxauhqui; a deusa do milho; e a enorme figura metade animal, metade humana de Coatlicue; a pedra do rei Tizoc; a pedra do calendário azteca. Esta, também chamada Pedra do Sol, é um monólito de forma irregular, de pórfiro basáltico, com vinte e quatro toneladas de peso, atualmente. Calcula-se em cinqüenta toneladas seu peso primitivo. Mede noventa centímetros de espessura, e numa de suas faces apresenta um baixo-relevo circular cheio de hieroglifos dos dias, meses e anos do calendário azteca, juntamente com os símbolos dos quatro elementos,

pontas de flecha e o Sol, no centro, sob a forma de máscara com a língua de fora.

A serpente forma o motivo principal da ornamentação escultórica dos aztecas, que cultivaram ainda a pintura, como no-lo provam as numerosas ruínas existentes nos lugares onde viveu e floresceu esse povo extraordinário.

Foram eles habilíssimos ourives e ceramistas. Produziram trabalhos prodigiosos em mosaicos, penas, lapidação de pedras preciosas, etc. Fabricavam tecidos vários. Conheciam a agricultura. Todavia, nunca souberam trabalhar o ferro.

Possuíam um escrita pictográfica e outra fonética. A primeira, dedicada ao público; a segunda, tida como sagrada, destinava-se somente à aristocracia.

Sabe-se que dentre os vários livros que os Toltecas possuíam, o mais importante era o código *Teomoxtil*, isto é, livro divino.

Os Maias — chamados os gregos do Novo Mundo, uma das famílias mais homogêneas do Continente americano, que, antes do Descobrimento, se estendiam do istmo de Tehuantepec ao de Panamá, — compreendem todas as tribos que falavam os diversos dialetos de seu idioma. O núcleo mais importante se radicou no Yucatán e na região do Petén, na Guatemala.

Estavam divididos em classes: nobres, sacerdotes, plebeus e escravos.

Alimentavam-se principalmente de milho; nas festas embriagavam-se com o *balche*, espécie de cerveja.

O trato das terras era feito em comum. Os homens vestiam-se com um manto preso aos ombros e uma faixa enrolada em torno da cintura; calçavam sandálias de pita ou de pele de veado. As mulheres cobriam-se, da cintura para baixo, com uma saia de algodão e resguardavam o seio com um pano; usavam touca e ajeitavam graciosamente o cabelo.

Havia colégios públicos para a educação dos meninos. As meninas eram educadas em casa, com grande recato.

Prestavam o mais profundo respeito aos velhos. Os mortos, eles os sepultavam na própria casa, a qual era, em seguida, abandonada; somente às pessoas eminentes destinavam túmulos especiais. Quando cremavam os cadáveres, encerravam as cinzas em urnas.

Esse povo alcançou os mais altos cumes do sabeísmo. Prestavam culto a uma infinidade de deuses: da guerra, das tormentas, do fogo, dos viajantes, da pintura, do canto, da música, da poesia, da morte, etc.

Os sacerdotes maias, temidos e venerados, eram os mestres de toda a ciência; liam e compunham os *analtés* ou *uinaltés*, isto é,

livros santos; pregavam e presidiam aos atos religiosos; dirigiam a vida civil e privada; cultivavam a Medicina e as artes; curavam os doentes; intervinham nas bodas; adivinhavam o futuro e conjuravam os espíritos. O sacerdote supremo tinha em cada região um representante.

Os sacrifícios e oferendas consistiam em flores, manjares, bebidas, essências aromáticas e animais.

Havia também sacrifícios humanos, que a moderna Sociologia explica à margem de toda idéia de crueldade, sob o nome de *teofagia*, porque a carne das vítimas era considerada santa e atraía a bênção dos deuses. Não se trata, pois, de antropofagia; a mesma prática existia entre os gregos e romanos.

A cultura artística dos Maias foi portentosa, como o demonstram as inúmeras ruínas de seus magníficos templos e palácios. Muito adiantados se manifestaram igualmente em suas leis e costumes. Conheceram o comércio e a moeda, consistindo esta geralmente em sementes de cacau, chocalhos de cobre, contas, conchas e machadinhas. Fomentaram a agricultura e a hospitalidade; amavam o pudor e a sobriedade; respeitavam o lar; educavam os filhos com esmero; ajudavam-se uns aos outros; castigavam severamente os vícios e delitos; praticavam ritos fúnebres e veneravam seus mortos. “Eran valerosos y civilizados y estaban dotados de un gobierno político que los hacía vivir congregados en poblaciones trazadas conforme a las reglas de una policía honesta”. (Ricardo Mimenza Castillo. *El Arte y la Cultura Maya*).

Tinham vida social admiravelmente organizada, sob os mais puros princípios de honestidade, seriedade e justiça. Ultrapassaram os tolteco-aztecas na arquitetura, escultura, pintura, ourivesaria, cerâmica, etc.

Os mais célebres monumentos maias são: a Casa das Monjas, em Chichén-Itzá; a Casa do Governador, em Uxmal; o Templo dos Guerreiros, em Chichén-Itzá; a Casa das Pombas, em Uxmal; o Arco de Labná, etc.

“Algunos han afirmado — entre ellos José Vasconcelos — que los Mayas carecían de Literatura. A desmentir semejante infundio van los escritos de grandes historiadores mayances como Carrillo y Ancona, quienes afirman con testimonios elocuentes que los Mayas poseían una Literatura propia y bella, como sus Códices y Libros de Chilam Balam llenos de profesías, acertijos, himnos y versículos admirables.

“Su poesía y literatura cobrada dos fases, una para los Sabios e Iniciados y otra para el pueblo. Era, pues, *esotérica y exotérica*. Sus versículos — como se advierte — tenían la alternancia y anti-

tesis de los de la Biblia, por caso. Y usaban de imágenes vernáculas y folklóricas, lindas y brillantes, como los nahoas y demás pueblos de América. Es más, tenían piezas teatrales — acaso como el *Ollantay* de los Incas — y usaban del drama y la comedia en sus grandes festividades religiosas”. (Ricardo Mimenza Castillo. *Obr. cit.*)

“Quanto à escrita, eles (os Maias) tinham duas espécies: a pictográfica e a fonética. A primeira era dedicada ao público em geral, na qual eram iniciados nas escolas populares. A segunda, considerada sagrada, só era entendida pela aristocracia, que registrava os principais acontecimentos de sua vida.

“A escrita chegou a tal ponto de desenvolvimento, que por toda a parte se encontram inscrições: em pedras, em madeira, em ouro, em peles curtidas, em folhas de vegetais. Organizaram verdadeiras bibliotecas, mas estas não puderam resistir à sanha selvagem de alguns fanáticos do tempo da conquista, que destruíram a maior parte de sua literatura. Tal era o amor votado às letras, que, quando os descobridores queimaram-lhe os livros, choraram amargamente, cousa que muito divertiu aos inquisidores”. (Jorge Bahlis. *Obr. cit.*)

“Os sacerdotes idólatras morreram com o segredo da escrita maia. Cabe-se que seu alfabeto tinha vinte e seis sinais, cada um representando uma letra.

“Como não conheciam o papel, escreviam em pele de veado, ou numa espécie de papel feito com pita ou com casca de árvore, o qual, envernizado, durava muito tempo. Em seguida, dobravam os escritos como as folhas de um livro: eram os *Analtés* ou *Uinaltés*.

“Em 1863 descobriu-se uma obra de Frei Diogo de Landa, escrita no século XVI, intitulada *Relaciones de las cosas de Yucatán*, graças à qual se pode conhecer o alfabeto fonético dos Maias, o qual serviu de base para a decifração de importantes documentos reveladores da grande cultura desse povo.

“Muita cousa nos teria chegado da cultura ameríndia, se a Conquista não houvesse destruído os principais monumentos e até bibliotecas riquíssimas, formando muitos volumes escritos em folhas de maguei. Os conquistadores, julgando prestar um relevante serviço à Civilização Cristã, arrasaram ídolos e queimaram uma vasta literatura que, se ainda existisse, nos daria fartos documentos”. (Id. — Ib)

“En la literatura no hay casi nada que considerar de esas épocas remotas, hasta espiritualmente, para nosotros. Poco ha quedado en la literatura mexicana que pueda llamarse herencia de nuestros antepassados. Así, pues, el estudio de la historia literaria de México deberá iniciarse con la conquista”. (Julio Jiménez Rueda; *Historia de la Literatura Mexicana*).

Muitos autores procuraram nos *teocalis* e palácios de Anáhuac restos da literatura indígena mexicana, e alguns cantares foram encontrados. Presume-se que os povos do México faziam uso de cantos litúrgicos durante a celebração de seus ritos religiosos e compunham, também, hinos de guerra.

Frei Bernardino de Sahagún, que estudou e se fez profundo conhecedor do idioma azteca, deu a conhecer alguns desses hinos, transcrevendo-os em Náuhatl e inserindo-os na sua *Historia general de las cosas de Nueva España*.

D. José María Vigil traduziu ao castelhano alguns desses cantares e os publicou num estudo histórico, que ficou incompleto, sobre a literatura mexicana; e D. Luis Castillo Ledón estampou vários deles num opúsculo intitulado *Antiga literatura indígena mexicana*.

Como toda poesia popular primitiva, nota-se aí a falta de domínio no manejo da linguagem.

Ao rei texcucano Netzahualcóyotl atribuem-se alguns cantares impregnados de vago pessimismo, tristes, melancólicos.

O *Popol-Vuh*, livro de "relatos simbólicos de mitos estelares dinásticos, de rituais teocráticos perdidos na noite dos tempos", foi editado em grande parte por Mimenza Castillo e traduzido de novo pelos indianistas Antonio Villacorta e Flavio Rodas, de Guatemala. A redação desse livro, considerada posterior ao Descobrimiento da América, é atribuída presentemente a Frei Diego de Reinoso ou Diego de la Encarnación, de Guatemala. Estima-se que isto se deu entre 1534 e 1539.

O livro de *Chilam Balam de Chumayel*, atribuído a um profeta chamado "o tigre" ou "o mago", foi traduzido em 1930 por Antonio Médez Bolio. É uma epopéia dos deuses e um livro de efemérides, no qual se trata também da mitologia maia, das raças, de Astronomia, e onde se encontram cantos místicos acerca dos espíritos celestes.

Outro povo de alta civilização, os Incas, foi encontrado na América do Sul, na região ocupada hoje pelo Peru, Equador, Bolívia e norte do Chile, povo cujo império foi dirigido por vários reis que se dedicavam principalmente ao progresso econômico, às comunicações, ao comércio e à ordem pública do país.

Sua sociedade era formada de clãs, constituídos de dez famílias chefiadas pelo *Camayoc*; cem famílias formavam o núcleo superior presidido pelo *Pachacuraca* e se agrupavam numa grande aldeia ou vila, a *marca*; dez marcas representavam um distrito, sob a chefia do *Curaca*; vários distritos compunham a *provincia*; quatro *provincias* representavam o *Império das 4 Regiões*, cujo soberano recebia o nome de *Inca* ou *Rei*.

A terra pertencia ao clã, a cujos componentes cabia o seu cultivo. O *Curaca* era o representante mais elevado entre os funcionários; todos, porém, sob os ordens do *Inca*, o *Filho do Sol*, a quem competia a celebração dos ritos supremos do culto.

O produto da terra destinava-se em parte à manutenção dos funcionários e da casta sacerdotal; a outra parte ficava em reserva para os casos de calamidade pública.

Como não houvesse dinheiro, as transações se efetuavam mediante a permuta de objetos e mercadorias.

Inti ou o Sol era o deus nacional dos Incas, e estes, os *Inti-Churi*, isto é, filhos do Sol.

A principal festa do Império incaico recebia o nome de *Raimi* (Triunfo), e era consagrada ao Sol.

Quilla chamavam os Incas à Lua, esposa ou irmã do Sol; *Viracocha*, ao criador de todas as cousas, o único deus invisível.

O culto estava a cargo dos *Uillacs* (sacerdotes), e os ritos religiosos consistiam em oferendas de frutos e sacrifícios de animais. Durante os mesmos bebia-se e derramavam-se *chicha*.

Os sacrifícios humanos eram pouco freqüentes.

Grande importância tinha o culto funerário. Os cadáveres, depois de embalsamados ou mumificados, permaneciam algum tempo em sepulturas provisórias, após o que eram levados ao Templo do Sol, seu túmulo definitivo.

Computava-se o tempo por anos solares de 365 dias, e meses de 29,5 ou 30 dias. Nordenskiöld chegou à conclusão de que os *quipus* encontrados em túmulos do Peru representavam combinações de números astronômicos com o número 7, ou com outros, de possível valor mágico para os astrônomos ou astrólogos índios.

A língua que falavam os Incas, o quíchua, não possuía escrita propriamente dita; usavam-se os *quipus*, cuja decifração ainda continua preocupando os investigadores. O *quipu* (nó) consistia numa corda em que se atavam cordas mais finas, formando uma espécie de franja; nessas cordas davam-se nós. Constituíam elementos básicos dos *quipus*: o grau de torsão, o comprimento, a cor e a disposição das cordas.

Menos brilhante que a dos Maias e a dos Aztecas foi a cultura incaica, embora superiores as instituições sociais. Quanto às manifestações artísticas, somente a arquitetura poderia competir com a daqueles povos.

Os mais grandiosos monumentos incaicos ficavam em Cuzco, capital do Império, entre eles o Templo do Sol, possuidor de riquezas fabulosas: paredes revestidas de ouro, a imagem do Sol de ouro maciço, trono de ouro, etc. Próximo ao Templo do Sol, via-se a *Casa das Escolhidas* ou das *Sacerdotisas do Sol*, donzelas jovens

e formosas destinadas ao serviço do Sol e do Inca, guardadas pelas *Mamacunes* ou madres professoras.

Na escultura dos Incas nada se conhece comparável à dos povos do México.

Esses homens entregavam-se largamente à agricultura e sabiam irrigar os terrenos por meio de barragens, comportas, reservatórios e canais; provas de arrojado e inteligência. Habilíssimos tecelões, serviam-se de muitas espécies de fibras e tingiam os tecidos de cores variadas. Trabalhavam o cobre, a prata, o ouro, o estanho e o mercúrio. Dos metais preciosos, fabricavam jóias e objetos riquíssimos. Ótimos ceramistas. Na sua arquitetura, presidia a mesma grandeza, a mesma imponência, o mesmo requinte artístico dos Aztecas e Maias. Possuíam templos, palácios, casas nobres, fortificações, baluartes, bastiões, quartéis, sepulturas suntuosas; ruas largas, retas, lajeadas com *pirca* (mistura de pedra britada e barro), providas de meios-fios, cortadas em ângulo reto em torno da Praça Maior, onde celebravam as grandes solenidades.

Cultivavam as letras.

Após a Conquista espanhola, sobreveio a decadência desse povo, já enfraquecido por dilatadas guerras intestinas.

“Que lições importantes não tirariam os sociólogos modernos desses diversos povos que viveram no chamado Continente Americano! Quanta cousa — de que nos ufamamos hoje, como sendo produto de nossa civilização — vamos encontrar nesses ignorados homens que o Descobrimento veio aniquilar!” (Jorge Bahlis; *Obr. cit*)

Diz Jorge Campos, em sua *Antologia Hispano-americana*: “Es caso es lo que se conserva que pueda datarse como anterior a la conquista. El dictamen de superstición destruyó elementos de probable valía, y hay que recurrir a versiones en signos castellanos o a redacciones tardías para lograr la idea de cuál era su literatura. En este sentido la obra de Fray Bernardino de Sahagún es ejemplar y no ofrece paralelo en ningún momento de la Historia en que dos mundos culturales hayan entrado en contacto.

“Las características generales difieren poco de lo que sabemos de otras literaturas primitivas: contenido religioso, que se manifiesta em himnos y narraciones de tipo mítico referentes al héroe tutelar o civilizador, el origen del fuego o la agricultura, la historia de la creación del hombre y de la Naturaleza, que se perpetúan en la obra de gran aliento cosmogónico o se dispersan en relatos cortos de fácil transmisión. La épica es indudable en estos pueblos que ligam a seres fabulosos con los primeros tiempos de su historia y con sus propios gobernantes. A su lado se observa una sorprendente lírica, que en los aztecas está impregnada de melancolía y sentido de la muerte, cuando no es puro cabrilleo de turquesas, esme-

raldas y pájaros bellos, mientras que en los incas acentúa ternura e impresión tenue, que frecuentemente se expresan por medio de la palomita, el copo de nieve o la luz lunar. En ambas, no es difícil hallar la imagen aprisionadora de un instante, que a la fuerza nos lleva a la comparación con la oriental y hasta lírica y su característico hai kai japonés."

HÉLIO DE SOUZA RIBEIRO